662km, e passou para 895km 10 anos depois. Na Argentina, a distância média é de 250km. Esta vantagem soma-se às naturais e às tributárias e, nestas últimas, vê-se que o diferencial tributário na Argentina (diferença entre os tributos sobre o grão e os derivados) aumenta a margem de esmagamento da indústria local. Esta consegue segurar a matéria-prima para processá-la internamente e vender farelo e óleo por preços mais baixos.

Pode-se dizer que, em lavouras conduzidas de modo profissional, é possível conseguir, no Brasil, resultados semelhantes aos dos vizinhos, em termos de produtividade física (entre 2 mil e 2.400 kg/ha). No entanto, o caráter cumulativo de contribuições como o Finsocial e o PIS, além do ICMS, encarece sobremaneira os insumos necessários a um melhor desempenho. Deste modo, segundo a Abiove, a grande causa pela qual o subsetor tem de se bater é a da harmonização tributária, que terá de vir, após 1º de janeiro de 1995. O parceiro menor da sojicultura, o Paraguai, por exemplo, isentou de impostos desde 1º de julho de 1992 todas as exportações do setor.

É interessante observar que, para o óleo, o Mercosul já funcionava um ano antes da data acordada, de janeiro de 1995. Isto porque a desgravação foi acelerada e zerou-se a alíquota de importação antecipadamente. Assim, as importações de óleo de soja do Mercosul (bruto, degomado, para operações de *draw back*), que tinham aumentado para 100 mil toneladas nos dois últimos anos, passaram a algo próximo a 250 mil toneladas em 1994.

Também tem aparecido de forma competitiva no mercado interno brasileiro o óleo de girassol argentino, com a marca "Cocinero" sendo apresentada nos supermercados das grandes cidades, freqüentemente bem mais barato do que os similares do país.

Quanto à primeira colheita de soja do Mercosul, são boas as expectativas, em termos de produção. Espera-se que a produção brasileira fique próxima da obtida em 1993/94, podendo até ultrapassá-la, se o clima ajudar. O mesmo se aplica às safras argentina e paraguaia, que deverão aumentar. A safra argentina, que teve problemas climáticos semelhantes aos da brasileira, poderá chegar a novo recorde, com 12,5 milhões de toneladas. A situação das cotações no mercado internacional, porém, permanece um tanto difícil, em razão ainda da grande oferta norte-americana.

FERNANDO ROBERTO DE FREITAS ALMEIDA

## SALÁRIOS

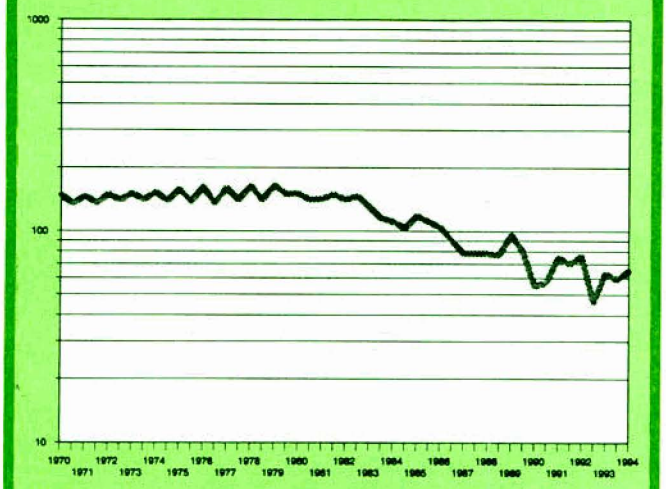
# Salários no meio rural e transformações

*O desempenho dos salários rurais reflete as transformações da agricultura brasileira nas últimas décadas, entre elas aumento da produtividade e mudanças nos métodos de produção.*

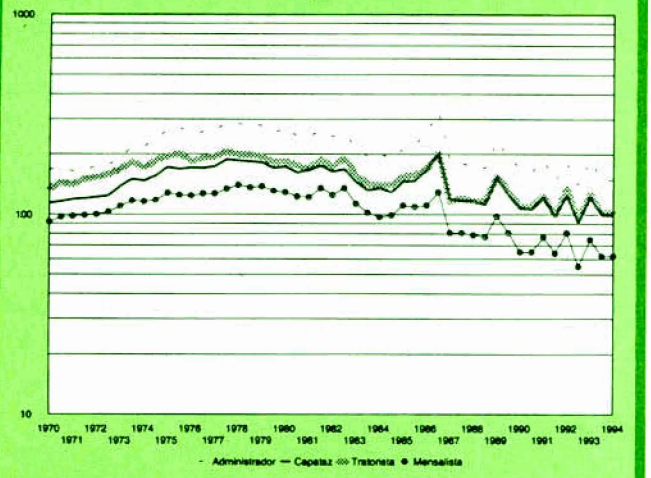
No primeiro semestre de 1994 os salários rurais, com exceção daquele do diarista, mantiveram-se praticamente estáveis em relação ao semestre anterior, variando entre -1,2% (tratorista) e 0,42% (administrador). Já as diárias registram substancial aumento, 7%, o que pode ser decorrente do fato de que junho é mês de pico das atividades agrícolas, notadamente as colheitas de cana-de-açúcar e de café. Tomando-se um prazo bem mais longo observa-se que, após um período de ascensão entre 1970 e 1975, a trajetória dos salários tomou uma direção declinante, ao tempo em que a inflação e a política salarial vigentes tornaram maiores as oscilações dos salários reais.

O desempenho dos salários rurais reflete as transformações pelas quais passou a agricultura brasileira nas últimas décadas, e que envolveram não só aumento de produtividade e mudanças nos métodos de produção como também um incremento significativo no uso de mão-de-obra assalariada e mudanças nas relações trabalhistas no campo. Isto levando em conta que, ainda no Censo Agropecuário de 1985, o mais recente de que se dispõe, mais de 70% do pessoal ocupado foi classificado como responsável e membro não-remunerado da família,

**Brasil — salário mínimo nos meses de julho e dezembro**
(Em R$ de julho de 1994)




**Brasil — salário no meio rural**
(Em R$ de julho de 1994)




**Brasil — salário nominal do diarista**
Dias de trabalho necessários para auferir o equivalente a um salário mínimo/mês




ressaltando o fato de que a agricultura continua sendo predominantemente uma atividade familiar.

## Urbanização do trabalho rural

Até os anos 60, boa parte da mão-de-obra utilizada nos estabelecimentos rurais era constituída de parceiros (empregados), colonos, moradores, trabalhadores permanentes e outros, cujo pagamento em dinheiro com freqüência era pequena parcela de uma remuneração que incluía moradia, autorização para criação própria de pequenos animais, gêneros alimentícios etc. Nas últimas duas décadas cresceu substancialmente o uso da mão-de-obra temporária, seja empregada de modo direto pelo proprietário, seja como bóia-fria, isto é, trabalhador contratado por meio de um intermediário, sem vínculo com o estabelecimento.

**Nas últimas duas décadas cresceu substancialmente o uso da mão-de-obra temporária, seja empregada de modo direto pelo proprietário, seja como bóia-fria.**

A conjugação dos dois fatos — uso predominante da mão-de-obra familiar e falta de vínculo trabalhista — permite supor que os dados relativos aos salários no campo ocultem importantes fenômenos de difícil mensuração, como a conjugação da situação de responsável por um pequeno estabelecimento com a de assalariado em momentos de intensificação das atividades agrícolas. Assim, a evolução dos salários rurais espelha não apenas as condições conjunturais do mercado, como também seus aspectos estruturais.

Representa um exemplo disto o substancial aumento verificado na remuneração relativa dos diaristas entre 1970 e 1994. No início do período em pauta, os diaristas precisariam trabalhar 49 dias/mês para obter o equivalente a um salário mínimo urbano. Ao final do período, para chegar ao mesmo resultado, são necessários em torno de 28 dias. Descontando o fato de que, ao longo do período, o salário mínimo registrou substancial queda em termos reais, é necessário considerar que a diária rural no início do período ainda se encontrava em fase de transição de um sistema misto de pagamento em dinheiro e em gêneros para o sistema de assalariamento puro do bóia-fria.

Por outro lado, sabe-se que nos últimos 15 anos, aproximadamente, os assalariados rurais se organizaram para lutar por suas reivindicações, como mostram as greves dos cortadores de cana. Não se pode ignorar também que o trabalhador que recebe diária está sujeito a um regime de trabalho muito irregular: só é contratado nos momentos em que seus serviços são necessários, sendo obrigado a uma oci-

**Brasil — salários médios no meio rural**
(Em R$ de julho de 1994)

| Discriminação | Unidade | 1993 — 1º sem. | 1993 — 2º sem. | 1994 — 1º sem. |
|---|---|---|---|---|
| Administrador | R$/mês | 174,31 | 143,97 | 148,79 |
| Capataz | R$/mês | 114,24 | 97,02 | 99,67 |
| Tratorista | R$/mês | 118,00 | 99,58 | 101,21 |
| Mensalista | R$/mês | 70,37 | 60,52 | 62,42 |
| Diarista | R$/dia | 2,55 | 2,13 | 2,35 |

Fontes dos dados primários, brutos: Empresas estaduais de assistência técnica e extensão rural, Instituto de Economia Agrícola (SP), Empresa de Pesquisa Agropecuária de Minas Gerais, Comissão Executiva do Plano da Lavoura Cacaueira e prefeituras municipais.
Elaboração: Centro de Estudos Agrícolas/IBRE/FGV.

osidade forçada no resto do ano. Pode-se supor, assim, que, na medida em que o assalariamento ganha importância como forma de trabalho rural, cresce a intensidade do trabalho durante os períodos de plantio e colheita, mas diminui o número de dias trabalhados. Se esta hipótese for confirmada, pode-se concluir que o aumento da diária, relativamente ao salário mínimo urbano, não se traduz em melhoria das condições de vida do trabalhador.

Por outro lado, há que se considerar que, na medida em que o bóia-fria mora na periferia dos centros urbanos e nos momentos de ociosidade do ciclo de produção agrícola realiza trabalhos em outros setores da economia, há uma urbanização do trabalho rural que pode contribuir para uma convergência dos salários rural e urbano.

## Evolução e variação dos salários

Quanto à evolução dos salários dos trabalhadores com vínculo empregatício mais estável, em 1970 a remuneração média do administrador era de 1,3 salário mínimo, a do tratorista de 0,9 salário mínimo e a do mensalista de 0,6 salário mínimo. Em 1994, as relações entre salário rural e salário mínimo eram de 2,3, 1,5 e 1, respectivamente.

No plano regional, as remunerações apresentam bastante variação. Em junho de 1994, os administradores do Centro-Oeste eram, em média, os mais bem pagos (R$212), embora, isoladamente, o maior salário de administrador fosse o de Tocantins (R$231). A menor remuneração para a categoria foi a registrada no Nordeste (R$88, sendo R$53 na Paraíba).

No caso do capataz, a maior remuneração média também é encontrada no Centro-Oeste (onde, aliás, ocorrem as maiores remunerações médias das demais categorias de mão-de-obra), no valor de R$127, mas é no Pará que o capataz, em média, ganha mais (R$146).

Para os tratoristas, o maior salário regional é de R$108, mas em Rondônia esta categoria atinge R$140.

Já no que se refere aos trabalhadores menos especializados, que ganham R$69 (mensalista) e R$3 (diarista), o maior valor médio estadual se registra em Santa Catarina, R$84 e R$4, respectivamente.

É no Nordeste que se concentram as menores remunerações: R$67 (capataz), R$73 (tratorista), R$53 (mensalista) e R$1,7 (diarista).

MARIA JOSÉ CYHLAR MONTEIRO